

## DAS PRÁTICAS PRAZEROSAS DE LEITURA A CONSTITUIÇÃO DO GOSTO: CONSTRUINDO POSSIBILIDADES

Simone Fernandes Ferreira de Oliveira  
EMEF Batista Gambarra - Secretaria Municipal de Educação – Sousa(PB)  
[simoneferreira2@ig.com.br](mailto:simoneferreira2@ig.com.br)

Francisca Emília da Costa Oliveira  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)  
Campus Avançado “Profa. Maria Elisa de A. Maia (CAMEAM)  
Curso de Mestrado Acadêmico em Ensino (CMAE)  
[franemidia@hotmail.com](mailto:franemidia@hotmail.com)

### RESUMO

Falar em experiências significativas com a leitura, para que se possa formar o gosto pelo ato de ler, é lembrar a literatura como um “indicador” dessa possibilidade, a qual abre espaço para a formação de leitores. Nesta perspectiva, é importante a escola ter espaços de referências para a leitura literária e a biblioteca é, por excelência, o mais indicado. Nesse contexto, situa-se o projeto *Das práticas prazerosas de leitura a constituição do gosto: construindo possibilidades*, desenvolvido a partir dos estudos na disciplina Formação do Leitor e Ensino de Literatura, do Mestrado Acadêmico em Ensino da UERN. O projeto se caracteriza como métodos mistos e apresenta como objetivo estimular o gosto pelo ato de ler, por meio de práticas de leitura prazerosas e produção textual, tendo a biblioteca como espaço referencial. Este artigo, portanto, visa a apresentar a experiência deste projeto transformativo, o qual permitiu duas vertentes de estudo: a primeira voltada ao despertar do gosto e prazer da leitura por meio dos textos literários, e a segunda sobre o uso da biblioteca como um ambiente de formação do leitor, desenvolvido com alunos do 2º ano do Ensino Fundamental I. Para tanto, nos reportamos aos estudos de Villardi (1997), Coelho (2000), Maia (2007), Pontes (2011), entre outros. Os resultados indicaram que para despertar no aluno o gosto pela leitura não é preciso fazer algo excepcional. Simples atividades diversificadas de leitura literária, quando pensadas com e para o aluno, enriquecem o ato de ler, tornam a leitura prazerosa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura; Biblioteca; Formação de Leitores.

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Momento de leitura, roda de leitura, leitura realizada pelo professor, leitura compartilhada, leitura individual, dentre outras. São diversas as possibilidades em que a leitura acontece na escola, muitos são os projetos e ações empreendidas nesse propósito. Nessas condições há de se destacar que o hábito da leitura, na escola, vai seguindo seu deslinde natural.

Contudo, **o hábito, por si só, não chega** (VILLARDI, 1997, p. 11, grifo nosso), é preciso promover experiências significativas com a leitura, para que se possa formar o gosto pelo ato de ler. Daí surge a literatura como um “indicador” dessa possibilidade, uma vez que

permite o contato com o aspecto lúdico da linguagem, age do real ao imaginário, abre espaço para reflexões e a formação de leitores.

Nesta perspectiva, é importante que a escola tenha espaços de referências para esse tipo de leitura, e a biblioteca é, por excelência, o mais indicado. O trabalho aí desenvolvido, de maneira prazerosa, estimula a compreensão de texto e do mundo a nossa volta.

Nesse contexto e proposições, situa-se o nosso projeto *Das práticas prazerosas de leitura a constituição do gosto: construindo possibilidades*, desenvolvido a partir dos estudos na disciplina Formação do Leitor e Ensino de Literatura, do Mestrado Acadêmico em Ensino da UERN. Ele se caracteriza como sendo um projeto de métodos mistos, o qual utiliza uma estrutura de base teórica, como uma visão de mundo transformativa, ou seja, é um projeto de pesquisa orientada para a mudança (CRESWELL, 2013), pois, a partir da observação dos hábitos e das dificuldades de leitura na escola, objetivou-se estimular o gosto pelo ato de ler, por meio de práticas de leitura prazerosas e produção textual, tendo a biblioteca como espaço de referência.

Este artigo, portanto, visa a apresentar a experiência deste projeto transformativo, o qual permitiu duas vertentes de estudo: a primeira voltada ao despertar do gosto e prazer da leitura por meio dos textos literários, e a segunda sobre o uso da biblioteca como um ambiente de formação do leitor, desenvolvido com alunos do 2º ano do Ensino Fundamental – ciclo de alfabetização. Para tanto, nos reportamos aos estudos de Villardi (1997), Coelho (2000), Maia (2007), Pontes (2011), além de outros autores com os quais dialogamos.

## LEITURA E LITERATURA, UM CONTATO PRAZEROSO

A criança é um aprendiz ávido e antes mesmo de se alfabetizar já realiza leitura. Sob a ótica do imaginário infantil, gosta de descobrir as imagens, símbolos e letras, procura entender os significados das coisas, lê o mundo que está a sua volta, uma leitura de mundo que precede a leitura da palavra (FREIRE, 2001, p.11).

Ao ingressar na escola a criança leva consigo essa percepção leitora, a qual é paulatinamente aperfeiçoada durante o processo de alfabetização, como um imperativo da aprendizagem. Sobre esse aspecto, Lajolo (1993, p.7) enfatiza que:

Lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela.

É nessa atividade intensa de leitura que o aluno vai se construindo como sujeito autônomo, aquele que aprende a ler e a se posicionar criticamente sobre o que se lê. Todavia, quando este ato de ler acontece de forma mecânica, caracterizado pela simples decodificação de códigos linguísticos, ele vai perdendo o encanto e se tornando uma atividade enfadonha, desinteressante.

No contexto educacional essa situação configura-se no desafio da formação do leitor, por isso a preocupação da escola em promover o interesse e a motivação de professores e alunos para aprender e ensinar a ler, alcançar a compreensão do texto, perceber a relação existente entre o mundo real e as múltiplas linguagens, promover uma aprendizagem para o longo da vida, de forma que a leitura possa ser avaliada enquanto instrumento de aprendizagem, bem como informação e deleite (SOLÉ, 1998). É então que, neste contexto de proposições, surge o trabalho com a literatura na escola, com a leitura literária, por sua natureza formativa, de que decorrem o conhecimento e prazer.

“Quando se fala em ‘prazer na leitura’, ‘gosto pela leitura’, automaticamente se pensa em leitura literária”. Esse recorte da afirmação de Joseane Maia (2007, p. 36), assinala uma importante relação entre leitura e literatura, a qual mostra-se ainda mais significativa quando incorporada a tentativa de despertar na criança o gosto e prazer pelo ato de ler, sobretudo a literatura infantil. Segundo Coelho, a literatura infantil destina-se a um leitor especial,

*a seres em formação, a seres que estão passando pelo processo de aprendizagem inicial da vida. Daí o caráter pedagógico (conscientizador) que, de maneira latente e patente, é inerente à sua matéria. E também, ou acima de tudo, a necessidade de ênfase em seu caráter lúdico... Aquilo que não divertir, emocionar ou interessar ao pequeno leitor, não poderá também transmitir-lhe nenhuma experiência duradoura ou fecunda. (COELHO, 2000, p. 164 - grifos do autor)*

Fazer convergir todos esses fatores em aprendizagem de leitura significativa, que despertem o gosto e prazer pelo ato de ler é tarefa que exige, da escola e do professor/mediador, revisão de suas práticas de leitura, planejando-as de forma que atendam aos interesses e expectativas do aluno/leitor. Nessa perspectiva, Solé enfatiza além da necessidade de utilizar estratégias de leitura, a necessidade de essa tarefa “resultar motivadora em si mesma” (SOLÉ, 1998, p. 43). Sob essa ótica podemos ver que na escola, cada criança tem seus interesses particulares em relação à leitura, o que pode parecer difícil de contemplar, entretanto, atividades de leitura realizadas no espaço da biblioteca, por exemplo, pode ser uma possibilidade de atender às expectativas, uma vez que tendo acesso livre a uma diversidade de livros, textos e materiais literários, cada aluno pode buscar suas próprias leituras.

Outro aspecto importante citado pela autora é que o interesse do aluno pela leitura depende “do entusiasmo e da apresentação que o professor faz de uma determinada leitura e das possibilidades que seja capaz de explorar” (SOLÉ, 1998, p. 43). Maia (2007) acrescenta a importância dos gestos, do modo como o professor segura o livro, sobre fazer ou não as vozes dos personagens, a postura que garante o envolvimento das crianças com a estória.

Igualmente importante é a escolha dos materiais oferecidos como suporte para leitura. Mesmo diante da escolha de textos literário, por seu universo maravilhoso que contribui para o despertar do gosto pela leitura, mesmo assim, estes precisam “fazer-se compreender”, seja por meio da linguagem verbal ou não verbal, na contação de história, exibição de vídeo, teatro de fantoches, um bate-papo, pois os alunos precisam reconhecer o sentido da leitura, para que possam direcionar suas ideias, saber fazer a relação entre texto e contexto, contribuindo de tal modo para a formação de leitores competentes.

## **BIBLIOTECA ESCOLAR E A FORMAÇÃO DO LEITOR**

Pensar a leitura como algo prazeroso é pensar também em espaços de leitura que cumpram com o importante papel de seduzir os alunos para os encantos do ato de ler. Assim como nos diz Pontes (2011, p. 81), é pensar

um local, lugar repleto de significado, entusiasmo, motivação para ler; verdadeiro lugar de diálogo entre leitor e texto, entre leitor e leitor; espaço de caça a possíveis leitores; local agradável, sedutor, viabilizador das leituras diversas; lugar de encanto, magia, onde tudo é possível de imaginar, sonhar; e ainda um espaço de leitores experientes, leitores iniciantes, leitores apenas.

Mesmo sabendo que a escola toda deve constituir-se nesse espaço de leitura, é comum estas destinarem um ambiente para este fim, daí que surgem as Salas de leitura ou Biblioteca Escolar, que por sua natureza formativa, segundo o Manifesto da Unesco/IFLA (2006), considera-se como sendo “parte integrante do processo educativo.” É, portanto, que podemos dizer, segundo os estudos de Silva, Ferreira e Scorsi (2009), que todo o ambiente da biblioteca contribui para a formação do leitor, desde o espaço físico e seus componentes, por proporem imagens e estabelecerem diálogo com os leitores ali presentes, das estantes de livros pela liberdade de escolha das obras que proporciona, e, sobretudo o planejamento da leitura a ser realizada nesse ambiente.

Da biblioteca escolar o que se espera, evidentemente, é que a leitura ganhe alma viva, desperte o prazer no leitor, promova um contato agradável com o livro, e que ela não seja percebida somente como o lugar de guardar os livros. Entretanto, estudos que retratam a crise da leitura (MAIA, 2007; PONTES, 2011), mostram a crise também atingindo a biblioteca

escolar, quando da falta de profissionais qualificados para o seu trabalho, bem como da má utilização de seu espaço. Somada a esses problemas, Silva R. (2009, p. 115) diz que “essa instituição ainda vive no ‘submundo’ da escola brasileira”, e acrescenta que “os alunos tem pouco acesso a ela, seu acervo raramente é explorado e o que se aprende não está integrado aos títulos que a compõem”.

Embora persista essa visão problemática da biblioteca, vale destacar que a cada dia o Programa Nacional Biblioteca na Escola – PBNE vem investindo mais na promoção do acesso à cultura e o incentivo à leitura, tanto dos alunos quanto dos professores, por meio da distribuição de acervos de pesquisa, de referência e de obras de literatura. Esta última pensada, sobretudo, no trabalho a ser desenvolvido no processo de alfabetização e na formação do leitor inicial. Essa ação do PNBE nos reporta à crise do livro infantil citado por Meireles, em consequência da crise da leitura, mas, “a crise do livro infantil não é uma crise de carência. Ao contrário, é de abundância. De tudo temos, e, no entanto, a criança cada vez parece menos interessada pela leitura” (MEIRELES, 1984, p. 152).

Para equacionar esses problemas da biblioteca e resgatar o interesse e gosto da criança pela leitura, é preciso a escola assumir uma nova postura, o que implica na ajuda de todos que a constitui, e diante do leitor que deseja formar, proporcionar o acesso ao conhecimento e estímulo à leitura prazerosa. Para tanto a biblioteca escolar se serve não só de periódicos ou material de pesquisa, mas, especialmente da leitura literária, da literatura infantil capazes de aguçar a sensibilidade do leitor como uma arte, “fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra” (COELHO, 2000, p. 27).

Destarte, o trabalho na biblioteca por meio da leitura literária ganha as mesmas proporções e preocupações deste mesmo trabalho realizado em sala de aula. Toda atividade de leitura no âmbito da biblioteca escolar deve ser planejada e conforme Pimentel (2007) dinamizada, de modo a valorizar o que a escola tem e buscar novos valores, trabalhar a cultura, oferecer serviços de informação à comunidade, além de promover a mediação da leitura.

Essa mediação na biblioteca, a interação com as obras literárias e uma diversidade de gêneros e discursos, permite ao leitor no caminho da formação, perceber que a leitura é uma prática social, dialógica, assim como contribui para que a biblioteca escolar deixe de ser “contemplativa e complacente” e passe a ser, como bem diz Ferreira (2009, p. 74), uma “biblioteca vivida”.

**CONSTRUINDO POSSIBILIDADES DE LEITURAS: RELATOS DE UMA VIVÊNCIA**

Sob o desafio de realizar um projeto transformativo no campo da leitura, escolhemos os alunos do 2º ano A do Ensino Fundamental – ciclo de alfabetização, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Batista Gambarra, localizada na Rua José Dantas de Sousa, s/n – Angelim – Sousa (PB), a qual oferece o ensino da Educação Infantil e das quatro primeiras séries do Ensino fundamental I. A partir de um primeiro contado, apresentada a situação da turma, foram elaborados planos de intervenção, cuja proposta era fomentar o gosto pela leitura através de materiais literários variados, e por meio deles incentivar a visitação e utilização da biblioteca para leitura, na hipótese de que estas atividades pudessem contribuir para a formação do leitor.

### **1º encontro**

O primeiro encontro com os alunos aconteceu na sala de aula. Sob um tapete de letras, iniciamos uma conversa sobre leitura, e de imediato os alunos começaram a apontar entre si os colegas que “não sabiam ler” e, por conseguinte “não gostavam de ler”. Nessa compreensão os alunos passaram a enfatizar o processo de leitura como o ato de conhecer e traduzir os signos linguísticos (sílabas ou palavras), como simples decodificação do código escrito, o que interferia na aprendizagem e no gosto pelo ato de ler. Evidenciou-se também que o não saber ler das crianças perpassava pela leitura de imagens. Alguns alunos não compreendiam que, diante de um texto em linguagem não verbal, suas interpretações orais somadas a sua experiência produzia sentido, e esse sentido era uma leitura.

Quando foram inquiridos sobre os espaços de leitura da escola, citaram os Cantinhos de Leitura da sala de aula e apenas um (01) aluno citou a biblioteca<sup>1</sup> como referência. Para os demais a biblioteca apresentava-se apenas como “um lugar de guardar os livros”.

Depois da roda de conversa passamos para a contação da história “Um porco vem morar aqui!” de Cláudia Fries, a qual foi adaptada e contada de forma interativa com a participação dos alunos, cada um recebeu um balão com onomatopeias e/ou interjeições para serem utilizados em momentos oportunos das falas das personagens. A proposta foi bem aceita pelos alunos, que animados em participar da história, ficaram atentos à leitura e no final representaram-na em linguagem verbal e não verbal.

<sup>1</sup> A turma é composta por 18 alunos e funciona em um anexo a 500m da escola, e a biblioteca fica localizada na sede.

Ainda sob o entusiasmo que a leitura causou, foi convidada a entrar na sala a cozinheira da escola que, com uma máscara e cheia de charme, apresentou-se como sendo a amiga do porquinho da história, a “Curica”, trazendo as rosquinhas para a hora do lanche.

Figura 1 - Roda de Conversa sobre leitura



Fonte: Fotos do autor (2014)

Figura 2 – Visita da porquinha “Curica”, amiga do porquinho



Fonte: Fotos do autor (2014)

Essa ação final fez jus ao pensamento de Meireles (1984, p. 145) quando diz que, “não é só a história que importa: é a maneira de contá-la. São as expressões fisionômicas, a voz, os trejeitos, as onomatopeias, toda a dramatização...” As crianças mostraram encantamento pela atividade, pedindo que fosse realizada outras vezes.

## 2º encontro

O discurso dos alunos sobre leitura, sobre o não gostar de ler, no primeiro encontro, foi o ponto de partida de nossa segunda intervenção, desta feita na biblioteca da escola. Embora sejam realizadas leituras diariamente na escola, essa atividade não alcança a biblioteca, por isso as crianças foram convidadas a visitá-la, a apreciar o seu acervo e perceber as diversas possibilidades de leitura que podem surgir nesse espaço.

Ao chegarmos à biblioteca tudo foi questionado pelos alunos, desde a disposição dos livros, dos materiais pedagógicos nas estantes, até os móveis, chamando a atenção para um freezer e uma geladeira que ali eram guardados, por falta de espaço na escola. Este último ponto, para muitos dos alunos descaracterizava a biblioteca como sendo um local atrativo para o momento de leitura.

Utilizando outras estratégias de leitura, exibimos o vídeo “A menina que odiava livros”<sup>2</sup>, baseado no livro de Manjusha Pawagi, para retomarmos à conversa sobre o gosto

<sup>2</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=geQ12cZsR7Q>. Acesso em: 23 mai. 2014.

pelo ato de ler. O título do vídeo despertou curiosidade e muitos risos, mas nada que tirasse a concentração.

Figura 3 - Exibição do vídeo  
“A menina que odiava livros”, no espaço da biblioteca



Fonte: Fotos do autor (2014)

O vídeo provocou nos alunos a vontade de olhar os livros, de folhear, de buscar algo que lhes interessasse, ocasião em que foi sugerido que escolhessem um livro para fazer a leitura em casa. A escolha do livro revelou interesses de leitura variada, seja de livros literários de poesia, de fábula, contos, entre outros, ou livros não literários – revista e periódicos. Neste instante o comportamento dos alunos diante dos livros na biblioteca nos fez lembrar das palavras de Miguel Sanches Neto (2004, p.18), quando disse que

Podia eger o tipo de leitura, e fiz isso sem nenhum método, porque a biblioteca me permitia ser sujeito de minhas escolhas, mesmo que elas recaíssem sobre livros e autores errados. Nunca me senti tão independente como dentro de uma biblioteca pública, percorrendo ao acaso prateleiras e descobrindo livros sobre os quais não tinha nenhuma informação.

Em dado momento, uma aluna pediu para contar uma história para seus colegas, utilizando o avental de monitor de leitura de um projeto já desenvolvido na escola. A história contada teve como personagens os próprios alunos, apresentava passagens do filme exibido neste dia, situações cotidianas de sala de aula, muitos gestos e muita imaginação.

Figura 4 - Apreciação dos acervos disponíveis na biblioteca



Figura 5 - Contaçon de história por alunos da turma





Fonte: Fotos do autor ( ) Fonte: Fotos do autor (2014)

O texto híbrido produzido pela aluna traduziu a compreensão que esta teve das leituras realizadas na biblioteca, e sua impressão de mundo, ao passo que conseguiu estabelecer por meio do lúdico uma relação entre literatura/leitura e prazer. Nessa situação vemos, segundo Amarilha (1997, p. 27) que “ao transformar essas imagens em expressão, pela linguagem verbal, entra na composição literária o elemento prazeroso. Esse componente gerador de prazer advém sobretudo da natureza lúdica da linguagem.”

### **3º encontro**

Nosso último encontro voltou a ser realizado na sala de aula, e para dar sequência às atividades, começamos por falar dos livros escolhidos no encontro anterior e as leituras realizadas em casa, no sentido de estimular a linguagem oral e contribuir para uma etapa seguinte de produção escrita. Cada aluno teve a oportunidade de contar, espontaneamente, sua história, merecendo destaque dois deles que, embora apresentando dificuldades na aprendizagem na linguagem escrita, dentro de suas limitações fizeram uma boa produção oral. Neste sentido, a contação de história dos alunos foi ganhando a mesma importância dada à leitura em voz alta, quando Maia (2007) diz que,

essa atividade será eficaz na medida em que a leitura for para a criança o momento em que sua voz se faz ouvir, pois é importante que ela se manifeste sobre aquilo que foi lido – é o momento em que a interação se estabelece entre leitor/ouvinte/texto” (MAIA, 2007, p.85)

Terminado o relato das histórias dos alunos passamos para a contação da fábula “A Cigarra e a Formiga” de Esopo, realizada por meio do varal de leitura, com o propósito de favorecer situações de escrita com base em texto já lido pelos alunos.



Os alunos acompanharam a história atentamente, lendo as imagens, interpretando as expressões das personagens, no entanto, quando passamos para a proposta de realizar a reescrita coletiva da história, ao contrário dos encontros anteriores, as crianças se mostraram inquietas, logo deixando claro o discurso de que se fosse para “escrever não dá certo!”, era melhor “falar de boca” (expressão usada pelos alunos para se referir à produção oral).

Neste instante, mesmo sem perceber as crianças começaram uma produção coletiva

Figura 6 - Roda de conversa sobre as leituras realizadas em casa oral, questionando, atribuindo significados às personagens, expressando suas visões de mundo, contextualizando.

Fonte: Fotos do autor (2014)

Figura 7 - Contação da história “A Cigarra e a Formiga”



Fonte: Fotos do autor (2014)

Por fim, a reescrita coletiva da história aconteceu, foi realizada no quadro e por nós textualizada, conquanto, os alunos que no momento participaram da produção do texto foram os que, segundo o professor da turma, já são alfabetizados e realizam leitura com autonomia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o projeto transformativo vimos que para despertar no aluno o gosto pela leitura não é preciso fazer algo excepcional. Simples atividades diversificadas de leitura literária, quando pensadas com e para o aluno, enriquecem o ato de ler, dão asas a imaginação dos alunos, tornam a leitura prazerosa.

Percebemos também que, em relação à biblioteca escolar o que vai determiná-la como um espaço prazeroso de leitura e de formação do leitor não é, necessariamente, seu ambiente físico, e sim o importante trabalho de leitura que ali se faz.

Outro aspecto que merece destaque é a contação de história, que realizada em diferentes suportes, não se faz enfadonha para as crianças. A literatura, em especial a infantil,

por suas múltiplas linguagens tem um papel fundamental nesse caso, que é o de servir de agente de formação do leitor, tanto por sua função de aprendizagem quanto por seu caráter lúdico, que revigora a sensibilidade linguística da criança.

Por outro lado, cabe ressaltar que as crianças podem se sentir motivadas para ler, porém não encontram motivação para escrever ou reescrever, assim como aconteceu com alguns alunos, sujeitos desse projeto. Essas crianças, ainda em fase de alfabetização, demonstram capacidade para produzir oralmente textos espontâneos, todavia, apresentam limitações quando da escrita. Nessa situação cabe respeitar o tempo de aprendizagem da criança, mas, em momento oportuno, também deve ser trabalhado com ela a função da escrita a partir da leitura.

Por último, é necessário acrescentarmos que as práticas prazerosas de leitura na escola também perpassam pela questão de acesso ao livro. Estes precisam estar sempre à disposição dos alunos, sobretudo os livros de literatura, para que possam ser amplamente utilizados, tanto para fruição como para o conhecimento.

Em suma, podemos dizer que as atividades de leitura desenvolvidas nesse projeto reforçaram a ideia de que, o trabalho planejado e diversificado com o texto literário, pode proporcionar aos alunos a aquisição de conhecimento, mas também, momentos de leitura prazerosa e significativa, o que certamente resultada no gosto pelo ato de ler.

## REFERÊNCIAS

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** Literatura infantil e prática pedagógica. Petrópolis-RJ: Vozes, Natal: EDUFRRN, 1997.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil:** teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

CRESWELL, J. W.; CLARK, V. L. P. **Pesquisa de métodos mistos.** Porto Alegre: Penso, 2013.

DIRETRIZES DA IFLA/UNESCO PARA BIBLIOTECAS ESCOLARES, versão em português (Portugal), 2006, trad. Maria José Vitorino. Disponível em: <<http://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-guidelines/school-library-guidelines-pt.pdf>>. Acesso em: 09 ago. 2014.

FERREIRA, ELIANE A. G. R. A leitura dialógica como elemento de articulação no interior de uma biblioteca vivida. In: SOUZA, R. J. (Org.) **Biblioteca escolar e práticas educativas:** o mediador em formação. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 41. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura de mundo.** São Paulo: Ática, 1993.

MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores e professores.** São Paulo: Paulistas, 2007.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

NETO, Miguel Sanches. **Herdando uma biblioteca.** Rio de Janeiro: Record, 2004.

PIMENTEL, Graça. **Biblioteca escolar.** Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

PONTES, Verônica M. A. Espaços de leitura: concepção, identidade, visibilidade e dinamização. In: ROSA, C. S. (Org.) **A leitura literária na escola potiguar.** Natal: IDE, 2011.

SILVA, Lílían L. M.; FERREIRA, N. S. A.; SCORSI, R. A. Formar leitores: desafios da sala de aula e da biblioteca escolar. In: SOUZA, R. J. (Org.) **Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

SILVA, Rovilson José. Biblioteca escolar: organização e funcionamento. In: SOUZA, R. J. (Org.) **Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira.** QalytiMark: Rio de Janeiro, 1997.